

RUBEM BRAGA

A Cidade Livre

QUEM sabe como é difícil fazer as coisas no Brasil, ainda mais quando se deve lidar com vários Ministérios e autarquias, não pode negar méritos ao sr. Israel Pinheiro. Para iniciar a construção da cidade de Brasília era preciso meter os peitos. Ele meteu. Tinha e tem autoridade para isso. Usou sua tarimba administrativa, sua energia e desenvoltura de homem prático; providenciou, exigiu, berrou, mexeu-se, resolveu, tocou a coisa para diante. A Novacap não é nenhum modelo de organização, nem poderia ser, como filha caçula e mimada de um governo gastador; mas é inegável que seu motor de arranque funcionou bem.

Agora será tempo de rever essa organização para afeirar seus defeitos e evitar injustiças e erros que pesarão sobre o futuro de Brasília. Toda vigilância nesse sentido será pouca. A Cidade Livre, por exemplo, era uma necessidade, mas é pena que não se haja disciplinado melhor sua formação; ainda é tempo de impedir que seus problemas se agravem.

É preciso passar a manhã de um domingo ali, na avenida principal, para sentir que raça de gente cigana somos os brasileiros. Aquilo foi como anúncio de descoberta de mina de ouro. De todo canto do Brasil e de muitos do mundo choveu gente de maneira instantânea, e hoje, me disseram, o IBGE calcula que entre a Cidade Livre e os acampamentos operários já vivem ali umas 28 mil pessoas, onde havia apenas uma família e alguns bois. De um lado e outro da avenida tudo é casa comercial, loja, barbearia, buteco, açougue, oficina; são centenas de casas de madeira, todas com títulos espalhacatosos na fachada e ainda placardes plantados na rua anunciando empresas de ônibus, pensões, parreiras, tudo.

O grande orgulho de cada um é proclamar-se pioneiro, e essa palavra é tão usada que até um dentista se anuncia, em grandes letras coloridas — «Ao boticão pioneiro!»

Tudo é caro porque tudo vem de longe, em aviões de frete elevado ou em caminhões que quasi têm de inventar as estradas. Dizem-me que em menos de um ano se abriram cerca de 400 casas comerciais, incluindo 20 hotéis e pensões. A licença para construir é dada a título precário, por 4 anos, e a terra não se vende; mas há «pontos» que já valem mais de 200 mil cruzeiros. Nessa manhã de domingo a avenida formiga de gente — quasi só homens. São homens que vieram para enriquecer e enriquecer depressa, e nenhum tem muita curiosidade de conhecer o passado do outro; não é difícil imaginar que haverá um bom número de sujeitos condenados pela Justiça do Pará ou de Santa Catarina, por exemplo... O Brasil também não foi povoado em parte por degredados?

A Cidade Livre ferve de negócios e ambições; há crimes, atropelamentos, acidentes de toda ordem; já tem salão de beleza, você pode comprar uma geladeira nova ou um carro usado, existe um bar chamado do «Inglês Preto» (vindo das Guianas), o hotel Santos Dumont cobra 300 cruzeiros por dia a seco, os salesianos ajeitam uma profecia confusa de São Bôscó para mostrar que ele previu Brasília — mas o ouro desse farúeste não é o que o santo previa debaixo da terra, é ouro em papel do Ministério da Fazenda... Amanhã contarei mais.